

# O ACONTECER DA VERDADE NA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

## *THE HAPPENING OF THE TRUTH IN THE PHILOSOPHY OF MARTIN HEIDEGGER*

Bruno José do Nascimento Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho pretende analisar o texto de Martin Heidegger *A origem da obra de arte*, consistindo em conferências proferidas em 1935 e 36 publicada na década de 50, no livro intitulado *Caminhos da Floresta (Holzwege)*. Heidegger é considerado um dos principais pensadores do século XX. A preocupação do autor nesta obra é pela natureza da obra de arte, como o próprio título já sugere, mas Heidegger apenas explicita e aponta o caminho para resolver o enigma da pergunta pelo fundamento da obra de arte. O objetivo deste trabalho é discutir a questão da verdade, que se define como um dos momentos mais importantes da filosofia de Heidegger. Iremos trabalhar com a noção de verdade na obra de arte e de como autor desenvolve tal ideia em seus textos. Em primeiro lugar abordaremos a noção de verdade para os gregos retomando o sentido originário de verdade como *alétheia*, em seguida veremos como o conceito de verdade difere do conceito de adequação, focando principalmente na relação entre mundo e terra que abandona o conceito tradicional de verdade e funda uma nova acepção a partir da arte. A questão da verdade não é uma questão aleatória no pensamento de Heidegger, entretanto representa uma questão extremamente problemática e muito mal compreendida ao longo do tempo, mas que foi entendida, a partir dos gregos, como uma questão fundamental e indissociável dos demais temas estudados pela filosofia.

**Palavras-Chave:** Heidegger. Arte. Filosofia.

**Abstract:** The present work intends to analyze the text of Martin Heidegger *The origin of the work of art* that is used in conferences given in 1935 and 36 and published in the 50's in the book titled *Forest paths (Holzwege)*. Heidegger is considered one of the leading thinkers of the twentieth century, the author's concern in this work is the nature of the work of art, as the title itself already suggests, but Heidegger only makes explicit and points the way to solving the puzzle of the question by the foundation of the work of art. The purpose of this paper is to discuss the question of truth, which is defined as one of the most important moments of Heidegger's philosophy. We will work with the notion of truth in the work of art, and how Heidegger develops such an idea in his texts. First, we will approach with the notion of truth for the Greeks returning to the original sense of truth as *alétheia*, then we will see with the concept of truth differs from the concept of adequacy, focusing mainly on the relation between world and earth that abandons the traditional concept of truth and finds a new meaning from art. The question of truth is not a loose question in Heidegger's sense, but it is an extremely problematic question and not understood over time, but it was seen as a fundamental and inseparable issue from the other themes studied by philosophy.

**Keywords:** Heidegger. Art. Philosophy.

\* \* \*

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: brunophb08@gmail.com

## **1. Introdução**

O texto em questão pretende abordar a viragem filosófica do pensamento de Heidegger, que se destacou por uma nova forma de pensar o Ser partindo de um ente determinado (Ser-aí) e refundando uma ontologia fundamental, intitulado o autor como um dos maiores pensadores da tradição filosófica.

A sua obra *Ser e Tempo* é considerada como grande marco no caminho do seu pensamento, na qual concentra a maior parte de todas as suas investigações. Em *Ser e Tempo* notamos o resgate da perspectiva do conceito universal do Ser vinculado a noção de existência.

Para Heidegger a questão do Ser reside no mais importante e se não único problema a ser pensado ao longo do tempo; mas o problema do Ser abarca outras questões, por exemplo, a tentativa de fundar a ontologia fundamental para além da metafísica, entendendo o caminho historial do próprio homem.

A ontologia fundamental após *Ser e Tempo* ganhará uma nova perspectiva no pensamento de Heidegger, principalmente a partir do texto *Sobre a essência da verdade*, de 1930. Será nesse período que o autor proferirá a conferência *A origem da obra de arte*, na qual o conceito de verdade está enraizado ao conceito de arte. Ao contrário de separar esses dois termos que possuem a princípio sentido distintos, Heidegger ousa os inserir na mesma perspectiva, ou seja, é através da arte que a verdade é posta em obra.

Essa aproximação entre verdade e arte é proposital, pois encaminha a discussão para a questão do revelar e encobrir, relacionando-se com a concepção de mundo e terra, resultado dessa confluência. Ora arte e verdade parecem a princípio pertencerem a dois campos opostos, o primeiro da liberdade e da estética e o segundo é relativo ao conhecimento e a ciência. Isso mostra que a tradição não enxerga na arte valor de verdade, e Heidegger recorre aos gregos no intuito de reestruturar o sentido originário de verdade como sendo o aparecer do Ser, através de uma categoria ontológica da relação entre mundo e terra.

Mas o que Heidegger pretende nos mostrar é que ambos os conceitos sejam distintos a definição de verdade e arte possuem o caráter de possibilidade, isto é, de correspondência como afirma o próprio filósofo no seguinte trecho: “Na obra está em obra um acontecer da verdade, se aqui acontece uma abertura inaugurante do sendo [ente] naquilo que ele é e como ele é” (HEIDEGGER, 2010, p. 87). Heidegger em seu

texto *A origem da obra de arte* busca esmiuçar essa relação visando entender o vínculo originário entre arte e a verdade.

A verdade para autor não é a mera correspondência entre o enunciado e a realidade ou entre o conceito e o objeto, mas o desvelar do próprio mundo. Heidegger busca o fundamento da concepção primordial de verdade e para essa empreitada retorna ao sentido originário da palavra grega chamada de *alétheia*. O termo tomado, aparentemente, em sentido estrito cria uma dicotomia, pois *alétheia* quer dizer desvelamento, ou seja, pode-se interpretar como uma negação daquilo que é velado. Mas diante disso, Heidegger também adota a tradução tradicional de *alétheia* como sendo verdade, porém não sem antes nos advertir sobre o cuidado na tradução de termos gregos:

Esta tradução dos nomes gregos para a língua latina não é de modo algum um fato sem consequências em relação a eles, como hoje ainda é julgado. Por detrás da tradução, aparentemente literal e com isso preservadora, esconde-se muito mais um transpor da experiência grega para um outro modo de pensar. O pensar romano assume as palavras gregas traduzidas sem a experientiação igualmente originária que corresponda ao que elas dizem, sem a experiential palavra grega. Com este traduzir começa a carência de chão firme do pensamento ocidental (HEIDEGGER, 2010, p. 53).

Nessa busca pelo fundamento, a *alétheia* carrega o sentido originário da verdade e os conceitos não são distintos no pensamento de Heidegger, mas se encontram em uma relação de reciprocidade, isto é, *alétheia* deve ser entendida através da verdade e vice-versa, visto que no pensamento de Heidegger prevalece a unidade, nos diz Pessoa:

Distinto de nossa concepção metafísica de verdade, o grego antigo compreendia a *alétheia* como a descoberta do que, surgindo desde si mesmo, reúne o que aparece na totalidade de uma conjuntura; *alétheia* constitui a relação de *lógos* e *physis* que mostra o ente perfeito em seu ser, isto é, no sentido de sua verdade (PESSOA, 2003, p. 75).

O sentido de verdade ou *alétheia* para os pré-socráticos ou naturalistas, remete ao sentido de um “guardar” do *lógos* e da *physis*, ou seja, é nesses conceitos fundamentais que residem a origem e o princípio de todas as coisas:

Mesmo sendo tão comum a tradução por “verdade” e a tão conhecida por nós determinação da essência da verdade como adequação do enunciado à coisa, não podemos esquecer que a sentença foi

pronunciada no tempo e no pensamento pré-metafísico, num tempo em que as palavras e as palavras fundamentais desdobravam sua força originária de nomeação (HEIDEGGER, 1998, p. 369).

Para Heidegger as palavras encontram-se em uma unidade de conjunto. No entanto, a essência da verdade não é tão somente a *alétheia*, pois quando se procura o fundamento da verdade no velado ele já se desvelou, ou melhor, o encontro da verdade do ser e da obra é um duplo velar e se torna um não-velado ou uma não verdade, já que o velamento encobre a verdade do ser:

A verdade é em sua essência não verdade. Diz-se isso assim para demonstrar numa agudeza talvez estranhável que ao desvelamento como clareira pertence o denegar do modo velar. A proposição: a essência da verdade é a não verdade não deve, em relação ao que afirma, dizer que a verdade no fundo seja falsidade. Tampouco a proposição significa que a verdade nunca seja ela mesma, mas, sim, diz, representada dialeticamente, que sempre seja também o seu contrário (HEIDEGGER, 2010, p. 137).

Por isso a *alétheia* encobre a verdade, tal encobrir é resultado de uma relação fundamental de velamento e encobrimento. Sobre a relação fundamental de velamento e encobrimento nos diz o próprio autor: “Colher diz respeito ao que se abriga no descoberto, de maneira a permanecer aí abrigado, enquanto descoberto e por isso, acessível e perceptível” (HEIDEGGER, 1998, p. 384). Heidegger ilustra o exemplo do colher para exemplificar a essência originária do ser, e aqui entendemos a essência originária como sendo a verdade do ser que desdobra todo o horizonte de sentido do homem no mundo.

A verdade representa o velamento e encobrimento, ou melhor, tudo estava encoberto antes que o aberto fosse estabelecido, o velamento corrobora para o aberto que revela apenas certos aspectos da realidade e não a totalidade do mundo. Logo, a *alétheia* para Heidegger significa retirar do “encobrimento” aquilo que é velado no aberto, sendo assim a verdade é aquilo que nos é revelado e compreendido.

Nesse sentido, para Heidegger a verdade está frequentemente encoberta e o homem não possui a verdade, além do mais, *alétheia* não é um objeto que pode ser facilmente encontrado. Antes disso, o desvelamento é o que ocorre na mundanidade que se revela para o homem de modo privilegiado através da relação entre mundo e terra.

A investigação sobre a origem da obra de arte por Heidegger não visa uma teoria da arte ou uma educação estética. A arte nesse sentido não se refere a um elemento que

possa ser claramente descrito pelo pensamento “A arte vive na obra de arte. Mas o que é e como é uma obra de arte?” (HEIDEGGER, 2010, p. 39). Essa questão expõe a característica unívoca da obra de arte, em razão do que seria a obra de arte em comparação com as outras coisas? Pois o sapato, a mesa e a cadeira são coisas, e, então, que coisa é a obra de arte para carregar em si a sua própria verdade?

Por essa característica da obra de arte ela não é um mero ente como os objetos mencionados. A obra de arte para autor revela um mundo com o seu aparecer e elaborar da terra. Mas em que sentido é compreendido o revelar desse mundo? E o que seria esse mundo?

Não se pode separar nesse horizonte de interpretação terra e mundo; mundo é o lugar desconhecido que abriga e justifica a existência das coisas, mas o mundo não é uma coisa, o mundo é ele mesmo a ambiência na qual ganhamos sentido. O homem está contido nesse mundo, nem é algo externo a ele nem interno a ele próprio. Homem e mundo são um todo, ou seja, o mundo abrange todos os entes, entretanto é apenas com o homem que o mundo ganha significação, pois é somente através deste que ele ganha possibilidade de destino histórico.

Faz-se necessário explicitar que esse trabalho não possui a intenção de responder todas as questões que permeiam o pensamento hermenêutico e poético da filosofia de Martin Heidegger, mas apontar a relevância de se trabalhar com a questão do embate entre mundo e terra para a filosofia contemporânea. O ponto de partida para compreender a maneira que Heidegger pensa e analisa o ser a partir da noção de desvelamento e velamento nos é útil como possibilidade de abertura para pensar o ser além da ontologia fundamental.

O ponto basilar que instiga a questão proposta é: se a pergunta sobre a ontologia fundamental do ser não responde mais as questões buscadas, como pensar o ser no seu acontecer da obra de arte, visto que ser e obra possuem uma relação direta com a realidade representada no pensamento heideggeriano pela clareira aberta pela verdade no embate mundo e terra.

É necessário investigar a verdade em sua origem. Buscar a verdade assim como faz Heidegger retornando aos gregos para pensar uma questão ainda pouco compreendida pela contemporaneidade, a proveniência do próprio caminho da verdade. Essa abordagem, bastante lacunar, vai muito além da concepção tradicional de verdade como adequação que representa a verdade em conformidade com os fatos, ou seja, adequação a realidade.

Heidegger discorda desse ponto de vista da verdade ser encarada como uma aproximação ou adequação dos fatos a verdade. Segundo o filósofo a realidade deve ser entendida como algo ou um ser simplesmente dado, por isso, no que diz respeito a questão da verdade no pensamento de Heidegger:

A investigação evidenciará que a questão sobre o modo de ser da verdade pertence necessariamente à questão sobre a essência da verdade. Daí se segue o esclarecimento do sentido ontológico da afirmação de que “verdade se dá” e do modo em que necessariamente “se deve pressupor” que a verdade “se dá” (HEIDEGGER, 2015, p. 284).

A verdade para Heidegger não é algo que podemos ou devemos estar certos ou não, a busca pela verdade já não corresponde a uma procura pela certeza indubitável ou a busca pela descoberta de fatos até então desconhecidos. A verdade não se relaciona com a falsidade, mas se expande para o compreender a realidade ontológica do mundo. Por isso Heidegger pensa a verdade como fundamento ontológico da linguagem que descreve o sentido que o Ser ganha através da relação entre verdade e linguagem.

## **2. O acontecer da verdade na obra de arte**

Heidegger nunca quis ser um teórico da arte ou mesmo fazer crítica à estética, pelo contrário, o filósofo encontrou na arte um caminho original para redirecionar uma única questão que guiou seu pensamento desde *Ser e Tempo*: a questão do ser. Após *Ser e Tempo* fica evidente o problema semântico para continuar a busca pela questão do ser, e Heidegger percebe que é necessário superar a linguagem tradicional já tão viciada pelo hábito e buscar o contexto da arte e da poesia como solo para repensar o ser, visto que a concepção de verdade se amplia para Heidegger após *Ser e Tempo* devido a necessidade da linguagem poética ser também um modo possível para explicar o fundamento ontológico do Ser.

A linguagem poética é basilar nesse intento, visto que ela rompe a barreira semântica da linguagem e surge como uma possibilidade de pensar, através dela mesma, a verdade do ser. Na obra *A origem da obra de arte* que Heidegger nos mostra a importância de pensar a verdade do ser, a partir da obra de arte. É nesta obra que ele analisa o quadro de Van Gogh das botas da camponesa. Para o filósofo, o quadro não revela apenas as cores na tela e o par de botas, mas a própria relação entre mundo e

terra. O quadro nos abre um mundo de possibilidades para pensarmos o acontecer do real, pois somente a obra de arte tem a capacidade de sintetizar o acontecer do mundo, com base no embate entre mundo e terra.

Pensar o homem ou as relações humanas a partir de uma obra de arte, seja no quadro de Van Gogh ou qualquer outra obra de arte, só é possível porque a obra de arte instala um mundo, isto é, mantém o mundo das remissões aberto para pensar o ser nessa relação imbricada de ser e ente. Nesse aspecto “[...] temos de conhecer o âmbito a que pertencem os entes a que, desde há muito, chamamos com o nome de coisa” (HEIDEGGER, 2010, p. 12). Logo o ente trata-se de o objeto utensiliário, aquele que pode ser utilizado manualmente.

O ser figura como sendo a representação do ente em sua essência, visto que ambos não se separam na filosofia heideggeriana, no entanto correspondem a dimensionalidade do pensamento de Heidegger: “Devemos-nos voltar para o sendo, pensa-lo nele mesmo a partir de seu ser, mas ao mesmo tempo, através disso, deixá-lo repousar em-si em sua essência” (HEIDEGGER, 2010, p. 75). O sendo é para Heidegger o ente em seu estado utilitário.

A obra de arte representa a verdade do mundo e da terra, pois o artista que cria a obra não se difere totalmente dela, mas ele ganha sentido a partir dela, portanto a obra é o que abre seu modo próprio de ser para o mundo: “A obra mantém aberto o aberto do mundo” (HEIDEGGER, 2010, p. 111). A característica da obra é abrir o mundo, o mundo a princípio não está localizado em lugar nenhum, contudo é ele que determina o aberto da obra de arte e o horizonte de sentido da verdade.

O abrir do mundo é representado pelo horizonte de sentido que a obra de arte dá aos entes. A consagração da obra de arte correspondente ao que nos referimos como embate entre mundo e terra, é somente por meio desse embate que compreendemos o sentido da obra e nos é permitida compreender a essência da verdade que reside nessa disputa originária:

A criação artística é o eco deste combate originário, em que se disputa a partilha entre o que está a descoberto, acessível, e o que está velado, encoberto. Pois o combate terra-mundo depende de um combate mais profundo ainda entre o clarão que brilha (*Lichtung*) e o oculto ou a dissimulação (*Verbergung*), combate este que se trava na essência da verdade concebida como desvelamento ou velamento (*Unverborgenheit*) (HAAR, 2000, p. 88).

Na busca por entender as relações que determinam a obra de arte, é importante não somente pensar que obra de arte abre um mundo, mas é necessário compreender como o artista vem a ser artista através da obra, pois a pergunta pelo que é a obra de arte sugere a pergunta sobre o artista que ganha sentido, por meio da obra de arte. A obra dá sentido ao artista e o mundo instalado por ela abre e abriga o artista no seu próprio lugar:

O artista é artista a partir daquilo que acontece no espaço mesmo da criação: ele é artista por conta daquilo que vem à tona em sintonia com a sua ação, por mais que o que aconteça não surja diretamente do processo subjetivo de constituição da ação. Dito de outro modo, a pergunta acerca do caráter propriamente dito do artista precisa ser pensada aqui em sintonia com a pergunta acerca do que determina ontologicamente a coisa “obra de arte”, com a pergunta: “o que é uma coisa, na medida em que ela é uma obra de arte?” (CASANOVA, 2013, p. 132).

O título da obra de Heidegger é justamente a questão que permeia todo seu pensamento poético, a pergunta pela a origem. Heidegger propõe essa questão para sair da circularidade tradicional de compreender a obra de arte a partir da relação do artista com a obra. Pois o artista não se relaciona com a obra, mas essa relação é singular, tal relação é unívoca a obra abriga, preserva e dá sentido à existência do artista:

O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. Do mesmo modo também nenhum dos dois porta sozinho o outro. Artista e obra são em-si e em sua mútua referência através de um terceiro, que é o primeiro, ou seja, através daquilo a partir de onde artista e obra de arte têm seu nome, através da arte (HEIDEGGER, 2010, p. 37).

O artista, a obra de arte e a arte não podem ser pensados, portanto, separadamente como a tradição costuma fazer. Então se não podemos pensar cada conceito isoladamente, devemos ser capazes de destruir as noções prévias de artista, obra de arte e até mesmo de arte para conseguirmos alcançar a essência da obra de arte através de um pensar inaugural, tal como nos sugere Casanova:

Neste sentido, o movimento de suspensão desses enredamentos, condição indispensável para a possibilidade de realização da descrição fenomenológica da origem da obra de arte, depende de uma destruição prévia da compreensão tradicional da coisa obra de arte (CASANOVA, 2013, p. 133).



A destruição prévia da compreensão tradicional de obra de arte requer que o observador compreenda o sentido originário do embate mundo e terra, pois é suspendendo toda concepção previamente dada que é possível entender que a noção de arte para Heidegger vai muito além da compreensão do quadro das botas da camponesa e da análise do templo grego. A questão que antecede todas as outras é a busca pela verdade da arte e para isso é necessário buscar a essência ou o fundamento da obra, apreendendo-a no seu processo de criação “[...] a essência do criar é determinada pela essência da obra” (HEIDEGGER, 2010, p. 153).

A essência da obra está, portanto, imbricada em uma relação unívoca com o artista, por isso qualquer tentativa de compreender o artista sem levar em consideração a obra é falha. Mas a essência da obra só é determinada através da verdade da obra, erigida pelo combate entre mundo e terra, por meio do movimento de desvelamento e velamento:

A obra só se realiza na criação e por meio desta. Porque isso é assim, porém, a essência da criação permanece inversamente dependente da essência da obra, e só pode, por isso, ser concebida a partir do ser da obra. O criar cria a obra. A essência da obra, contudo, é a origem da essência do criar (HEIDEGGER, 2010, p. 105).

A obra criada pelo artista só se dá em seu caráter de obra efetiva na relação entre desvelamento e velamento, e somente através desse confronto entre mundo e terra manifestado pela noção de desvelamento e velamento que a arte se mostra como compreensão da verdade: “Quando e na medida em que uma ciência vai mais além do correto, para uma verdade, isto é, para o descobrimento essencial do sendo como tal, então ela é filosofia” (HEIDEGGER, 2010, p. 157).

Por isso, ao pensar o caráter da obra Heidegger nos diz que a obra instala um mundo, mas o sentido de instalar assume um aspecto ontológico, pois segundo ele: “Esta instalação é o erigir no sentido de consagrar e glorificar” (HEIDEGGER, 2010, p. 107), ou seja, o instalar corresponde ao preservar ou respeitar a natureza que reside dentro da obra, o preservar da obra lhe fornece magnitude o suficiente para sua consagração e glorificação. Essa possibilidade de instalação é essencial para compreender o sentido originário de *alétheia*, que ocupa a concepção alargada de verdade como ocultamento e desvelamento.

A questão do elaborar a terra corresponde a questão do homem se instalar no mundo, pois o homem se instala no mundo, mas sobre a terra: “No que a obra instala

um mundo, elabora a terra” (HEIDEGGER, 2010, p. 115). O elaborar nesse aspecto corresponde ao sentido de resguardar aquilo que existe e se faz dentro do mundo, no qual representa o horizonte da categoria ontológica lugar em que os entes ganham sentido. É nesse desdobramento que a terra encobre aquilo que reside no mundo, respeitando e soerguendo no mundo o que ali reside.

A obra dá sentido para o mundo e para o homem, ela insere a terra no aberto do mundo e a mantém nesse aberto. “A terra é essencialmente a que se fecha-em-si. Elaborar a Terra significa: trazê-la ao aberto como a que se fecha em si mesma” (HEIDEGGER, 2010, p. 117). Sendo assim, a terra é que reveste o velado da relação entre mundo e terra; enquanto que o mundo é o desencobrir pelo que guarda a terra e a desvela, é nessa relação que surge o ser da obra.

Heidegger propõe através de sua obra *A origem da obra de arte* repensar o lugar da arte, mas não enquanto coisa e sim em sua possibilidade de inaugurar um princípio originário da verdade, a qual somente é encontrado através da relação entre mundo e terra. A intenção de repensar o sentido de arte e de verdade nos revela algo até então não pensado, a concepção alargada de verdade que consiste em um abandono da concepção tradicional de verdade no intuito de buscar a origem da verdade que reside na obra. A verdade e a obra se referem a uma possibilidade de descoberta do sentido originário do ser que é o lugar da verdade, da arte e do homem singular por meio do desvelamento resultado do embate entre mundo e terra.

Heidegger formula seu pensamento de forma que este ultrapassa o ser como ser ontologicamente pensado e formula uma abertura que permite pensar o ser como passagem para o campo poético e estético, sem perder sua essência ontológica: “Interrompendo o envolvimento do cotidiano, forçando-nos a ver o mundo através do que ela abre, a obra não é objeto de contemplação desinteressada. Há entre nós e a arte um inter-esse como relação de ser” (NUNES, 2012, p. 244).

A questão da verdade envolve o mundo criado pelo embate mundo e terra, possibilitando a passagem do homem para o poético, mas o que é esse poético a que nos referimos? E qual a essência da poesia, visto que a busca que nos motiva é pelo encontro da verdade e conseqüentemente da essência da verdade na arte criada pelo embate entre mundo e terra. Todavia, como pensar a arte e o homem sendo ambos a força motriz um do outro, nesse contexto a arte e a poesia são apenas atividades criadoras do artista, ou seja, puro fabular? Ou em verdade diz realmente algo através de seu desvelar?

Tais questionamentos dizem respeito não há um sistema lógico, mas ao que Heidegger chamava de “caminhos” que perpassam inúmeras questões a respeito da verdade, e consiste em um atravessamento do campo poético enquanto nos abre um horizonte de sentido para pensar o homem e os acontecimentos históricos e ontológicos que perpassam toda a esfera da mundanidade.

### **Referências**

- CASANOVA, M. *Eternidade Frágil: ensaio de temporalidade na arte*. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2013.
- HAAR, MicMhel. *A obra de Arte. Ensaio sobre a ontologia das obras*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HEIDEGGER, M. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental: lógica. A doutrina heraclítica do lógos*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A origem da obra de arte*. Trad. Idalina Azevedo da Silva, Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- NUNES, B. *Passagem para o poético*. Filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Loyola, 2012.
- PESSOA, F. M. *O assunto e o caminho do pensamento de Heidegger*. Vitória, ES: Edufes, 2003.

*Recebido em: 25/01/2018*  
*Aprovado em: 24/03/2018*